

A ÁFRICA NA ESCOLA

Higor Lucas da Rocha Alencar
higorlucasdarocha@hotmail.com

Resumo: O projeto investigou a implantação de uma abordagem própria do curso de licenciatura em História no cotidiano dos alunos das turmas matutinas de 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Hugo Lôbo em Formosa-GO. Objetivando a integração da pesquisa Histórica ao ensino prático como uma forma de diminuir o distanciamento entre o conteúdo apreendido na Universidade e o conteúdo trabalhado junto aos alunos da educação básica. Antecipou-se um preceito. O ensino de qualquer disciplina só faz sentido quando este é realizado de modo a ser utilizado de modo significativo na prática. Com base neste pressuposto, procurou-se colocar o preconceito contra o povo e continente africano em perspectiva histórica dentro da sala de aula. Uma vez que tal abordagem pode proporcionar aos estudantes, questionamentos a respeito de suas próprias condutas em sociedade.

Palavras-Chave: África, Preconceito, Representações

Introdução

O subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) desenvolvido pelo departamento de Historia da UEG/Formosa, no Colégio Estadual Hugo Lôbo tem como objetivo principal valorizar o papel da cultura africana e ameríndia na formação da sociedade brasileira. Há algum tempo, em um dos encontros semanais do PIBID, foi vivenciada uma experiência um tanto quanto inquietante. Neste encontro a discussão que os integrantes deste projeto trabalhavam junto aos alunos do 2º ano visava à desconstrução de representações preconceituosas construídas em torno da África. Foi quando em uma das turmas apontou-se as declarações do deputado federal Pastor Marco Feliciano como exemplo de discurso preconceituoso. O que mais chamou a atenção foi a recepção de tal comentário por parte de uma aluna em especial. Essa estudante manifestou-se terminantemente a favor dos comentários do deputado que “simplesmente” apresentava os africanos como uma raça amaldiçoada por Deus por serem descendentes diretos de Cam, um dos filhos do personagem bíblico Noé.

Este episódio despertou intensa discussão entre os alunos. O professor supervisor do projeto que prestava seu apoio no momento, prontamente interpelou a aluna na tentativa de

convencê-la que tais discursos não poderiam ser tolerados. No trabalho de convencimento foram levantadas duas questões em especial:

A primeira é a que o próprio pensamento de que os africanos são amaldiçoados trata-se de um reflexo de representações racistas e discriminatórias construídas ao longo do tempo. O segundo argumento dizia respeito expressamente ao fato de que o deputado estava atualmente ocupando um cargo público e, portanto, não deveria manifestar publicamente este tipo de pensamento.

Até então os argumentos do professor pareciam ser bem aceitos por todo o restante do corpo estudantil. No entanto a referida aluna ainda se mantinha irredutível e convicta que estava certa. Apresentava argumentos desconexos e sem fundamentação, demonstrando compactuar com o pensamento do deputado claramente por compartilhar com as mesmas convicções religiosas. Dada à dificuldade de continuar com o assunto, por causa do ânimo exaltado da aluna, preferiu-se dar o assunto por encerrado.

Presenciar este episódio fez com que surgisse a inquietação que resultou na elaboração deste texto, pois permitiu a oportunidade de identificar que o imaginário coletivo ainda hoje está fundamentado em representações negativas sobre o povo africano, além dos próprios afrodescendentes. E mais, perceber que atualmente práticas discriminatórias e preconceituosas podem ser encontradas no cotidiano da sociedade, inclusive no âmbito escolar, religioso e político. Desta forma, buscou-se elaborar um espaço mais propício para desconstruir os princípios que fundamentam a discriminação e auxiliar na reflexão da necessidade de uma abordagem adequada deste tema nas séries da educação básica..

Para melhor esclarecer tal esforço intelectual, é necessário salientar que os objetivos com o projeto desenvolvido junto aos alunos foram os seguintes: realizar uma leitura reflexiva de alguns dos principais discursos construídos ao longo do tempo; elaborar uma problematização acerca do imaginário ocidental; apontar para a necessidade da inserção de novas temáticas nos processos educativos destacando sua dinâmica específica; propondo, desta forma, uma nova forma de trabalhar a África e o racismo, dentro da sala de aula. Sendo assim, intentou-se a contribuir para a erradicação de preconceitos. Procurou-se, pois, demonstrar o quanto o imaginário ocidental ainda permanece repleto de representações preconceituosas, quando o assunto é África. E mais, buscou-se, também, compreender até que

pontos os processos educativos podem auxiliar na desconstrução do racismo.

Inicialmente o primeiro passo foi o de abordar novamente as declarações do deputado federal Marco Feliciano em sala de aula. Mas, dessa vez, foram apresentadas algumas de suas declarações na íntegra. Portanto, foram usados trechos de uma entrevista cedida pelo deputado à revista *Veja*, o primeiro dizia o seguinte:

No Gênesis, a Bíblia conta que Noé, quando saiu da Arca, embebedou-se e ficou nu. O filho mais novo dele, Cam, riu do pai e contou o que havia visto aos dois irmãos. Quando Noé soube da história, em vez de puxar a orelha dele, lançou uma maldição sobre o filho de Cam, Canaã. Disse que Canaã seria escravo. Naquela época, eu tinha feito um estudo de geografia e vi que os três filhos de Noé é que haviam povoado os continentes da Terra. E de Canaã vieram àqueles que povoaram parte da Etiópia.ⁱ

Foi apresentada ,também, outra parte da mesma entrevista em que o deputado se mostrava convencido de que suas declarações não foram de cunho racista, pois segundo ele a maldição a que se referiu não dizia respeito à cor dos negros, mas a sua religião.

Mas eu acredito [...] que toda **maldição** é quebrada em Cristo, pelo derramamento de seu sangue na cruz. Eu não disse que **os africanos são todos amaldiçoados**. Até porque o continente é grande demais. **Minha mãe é negra**. Olha o meu cabelo como é. E olha que eu dei uma esticadinha. Faço escova progressiva todo mês.ⁱⁱ

O segundo passo do projeto visou demonstrar que o fato de o próprio autor das declarações possuir traços e descendência africana, não necessariamente impede suas declarações de serem entendidas como ofensa de cunho preconceituoso ou racista, e muito menos impede que a população brasileira se sinta ferida com tais palavras. Buscou se ainda, demonstrar o quanto é comum encontrar no cotidiano da sociedade brasileira, comentários negativos sobre africanos e afrodescendentes, assim como, também, da própria África. Desta forma coube trabalhar o pensamento do deputado por duas perspectivas. A primeira procurou entender sua mentalidade por meio da análise do contexto religioso. A segunda identificou seu pensamento como reverberação de visões negativas, por meio das quais os negros foram enxergados no passado, e que ainda se fazem presente na atualidade.

Na perspectiva religiosa foram lançadas as seguintes perguntas aos alunos: Até que ponto o discurso do deputado Feliciano, fundamentava-se em princípios religiosos? Como

entender seu pensamento dentro deste contexto? O propósito com este questionário não foi tirar rápidas conclusões de perguntas tão capitais. Pelo contrario, o foco foi tornar essas perguntas uma provocação, fazer com que elas estimulassem uma reflexão mais aprofundada na complicada ligação que cada tipo de construção mental estabelece dentro da conjuntura social à qual está vinculada. Nesse sentido, as leituras realizadas nos encontros teóricos, relacionadas às explanações do subcoordenador do projeto, auxiliaram consideravelmente na abordagem junto aos alunos.

A análise que o antropólogo John Burdick (2001) construiu em torno da relação do movimento pentecostal com as tradições e religiões de origens africanas foi de fundamental importância para demonstrar que o pensamento do deputado está longe de ser homogeneidade na comunidade evangélica.ⁱⁱⁱ

Da mesma maneira, se lançou mão de uma perspectiva histórica para demonstrar que as palavras do deputado não são elaborações próprias, que na verdade elas reproduzem e refletem representações do imaginário ocidental. A análise deste processo foi apresentada de acordo com o caminho que o historiador Anderson Oliva (2005)^{iv} adota em seu estudo sobre a trajetória das representações construídas pelo Ocidente sobre os africanos ao longo dos séculos

Baseando-se nesta obra, foi possível identificar que como a África desde a Antiguidade até os dias atuais, sempre foi enxergada, no Ocidente, sob uma ótica desprivilegiada. Ao longo do tempo vem sendo percebida fundamentalmente sob uma lente completamente embaçada por representações e concepções preconceituosas.

Considerações Finais

Todos os esforços empreendidos nos encontros semanais visaram realizar abordagens teóricas que, de alguma maneira contribuíssem significativamente na vida prática dos estudantes. Escolher um assunto tão polêmico para tratar em sala de aula foi extremamente interessante, pois, de um lado despertou a atenção de toda a turma. De outro produziu resultados objetivos, o principal de todos foram as mudanças perceptíveis na mentalidade de cada um dos estudantes.

Universidade Estadual de Goiás
Coordenação Institucional do PIBID / Pró-Reitoria de Graduação
Anais do I Encontro do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID)
6 e 7 de junho de 2013

Sendo assim este trabalho é a prova que quando o ensino é empreendido de uma maneira interessante e dialogado, pode produzir resultados surpreendentes.

Agradecimentos

Agradeço ao fomento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da CAPES, pela bolsa. Agradeço também a Universidade Estadual de Goiás – UnU Formosa por todo aparato e apoio. Agradeço ao Colégio Estadual Hugo Lôbo pela oportunidade de desenvolver esta atividade junto aos seus alunos. Ao professor George Augusto e Álvaro Regiani por todas as orientações e suporte.

Referências:

ⁱ LINHARES, Juliana. “Eu acredito no diálogo”. *Veja*. nº 12(20 de março de 2013) p. 17

ⁱⁱ Idem, *ibidem*, pp. 17-18

ⁱⁱⁱ BURDICK, John. Pentecostalismo e identidade negra no Brasil: mistura impossível?. In. REZENDE, Cláudia Barcellos e MAGGIE, Yvonne. (org.) *Raça como retórica: A construção d diferença*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2001. p. 193.

^{iv} OLIVA, Anderson Ribeiro. *Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no Imaginário Ocidental*. In. *Em Tempo de Histórias*, v. 9, 2005.